



# A Igreja na cidade: fraternidade, moradia e justiça social à luz do Evangelho

The Church in the city: fraternity, housing and social justice in the light of the Gospel

*Antonio de Lisboa Lustosa Lopes\**

PUC-SP

*Nícolás Aluchna Alves\*\**

FCDCSP

Recebido em: 30/09/2025. Aceito em: 15/12/2025.

**Resumo:** *Este artigo analisa a relação entre fraternidade, moradia e a missão evangelizadora da Igreja Católica no contexto contemporâneo, a partir da leitura pastoral de Jo 1, 14. A reflexão percorre um caminho histórico-teológico, evidenciando a natureza missionária da Igreja desde suas origens apostólicas até os desafios urbanos da atualidade. A partir da comparação entre Babel, Shavuo e Pentecostes, mostra-se como o Espírito Santo congrega a humanidade em comunhão, superando divisões. O estudo enfatiza a necessidade de uma pastoral urbana capaz de enfrentar a secularização, a indiferença religiosa e as desigualdades sociais, sobretudo a crise habitacional. Inspirado pela Evangelii Gaudium e pela Campanha da Fraternidade, defende-se a formação de pequenas comunidades como alternativa ao clericalismo e à fragmentação. Conclui-se que a fraternidade comunitária, centrada em Cristo, transforma a oração em ação solidária, garantindo a moradia digna como expressão concreta de justiça social e testemunho do Reino de Deus.*

\* Doutor em Ciências da Religião (Universidade Metodista de São Paulo, 2010). Mestre em Teologia Prática (Pontifícia Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção, São Paulo 2005). Docente de Teologia Prática na graduação e na pós-graduação na PUC-SP; Pároco na Paróquia São João Clímaco na Arquidiocese de São Paulo.

E-mail: [alopes@puccsp.br](mailto:alopes@puccsp.br).

\*\* Mestrando em Direito Canônico pela Faculdade de Direito Canônico São Paulo Apóstolo. Graduado em Teologia (Pontifícia Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção, São Paulo, 2022) e em Filosofia pela UNISANTOS (2017). Diácono transitório na Diocese de Santos.

E-mail: [nicolasaluchna@icloud.com](mailto:nicolasaluchna@icloud.com).





**Palavras-chave:** *Fraternidade; moradia; missão evangelizadora; pastoral urbana.*

**Abstract:** *This article analyzes the relationship between fraternity, housing, and the evangelizing mission of the Catholic Church in the contemporary context, based on apostolate reading of John 1:14. The reflection follows a historical-theological path, highlighting the missionary nature of the Church from its apostolic origins to the urban challenges of today. By comparing Babel, Shavuot, and Pentecost, it demonstrates how the Holy Spirit gathers humanity into communion, overcoming divisions. The study emphasizes the need for an urban pastoral approach capable of addressing secularization, religious indifference, and social inequalities, especially the housing crisis. Inspired by Evangelii Gaudium and the “Fraternity Campaign,” it defends the formation of small communities as an alternative to clericalism and fragmentation. It concludes that community fraternity, centered on Christ, transforms prayer into concrete solidarity, ensuring dignified housing as a tangible expression of social justice and a testimony of the Kingdom of God.*

**Keywords:** *Fraternity; housing; evangelizing mission; urban pastoral.*

## Introdução

O presente artigo propõe uma reflexão aprofundada sobre a intersecção entre fraternidade, moradia e missão evangelizadora da Igreja Católica no mundo contemporâneo. Partindo de uma leitura do versículo joanino 1, 14 “Ele veio morar entre nós”, busca-se compreender como a imanência divina, revelada no mistério da encarnação, repercute na vida eclesial e se traduz em compromisso concreto com a dignidade humana. Tal perspectiva conduz à análise das implicações teológicas, sociais e pastorais da presença de Deus na história, especialmente diante dos desafios impostos pela contemporaneidade.

Para alcançar esse objetivo, o trabalho traça um percurso histórico-teológico da missão da Igreja, desde suas origens apostólicas até os dilemas atuais. A natureza missionária da Igreja é destacada como dimensão constitutiva, marcada pela vocação de discernir, mediar e manifestar o Reino de Deus. Nesse horizonte, revisitam-se episódios e personagens que, ao longo dos séculos, foram decisivos para a expansão do cristianismo e para a atualização do anúncio evangélico. Além disso, a consideração das narrativas bíblicas da Torre de Babel, da festa de *Shavuot* e de Pentecostes ilumina a tensão entre dispersão e unidade, mostrando como o Espírito Santo congrega a humanidade em uma nova comunhão.

Um ponto central de investigação é a presença da Igreja no espaço urbano, onde a experiência de fé se vê constantemente desafiada pela



secularização, pela indiferença religiosa e pelas contradições sociais típicas das grandes metrópoles. Nesse contexto, as Revoluções Industriais são interpretadas como símbolos de uma nova “Babel”, marcada pela primazia do capital e da tecnologia em detrimento da dimensão espiritual da existência. Diante disso, a Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, do Papa Francisco, oferece as bases para a constituição de uma “malha pastoral” capaz de responder aos paradigmas urbanos e de recolocar no centro a questão hermenêutica: “Onde está teu irmão”? (Gn 4,9)

A partir dessa chave de leitura, o artigo enfatiza a urgência de enfrentar as desigualdades sociais, a pobreza e a crise habitacional como lugares teológicos onde se revela a presença de Deus. Nessa linha, a experiência das pequenas comunidades é apontada como alternativa pastoral eficaz para superar o clericalismo, a fragmentação e a opacidade institucional. A Campanha da Fraternidade da Igreja no Brasil, com seu histórico de compromisso com os mais vulneráveis, aparece como exemplo paradigmático de profecia e denúncia diante das injustiças, especialmente no tocante ao direito à moradia digna.

Entendemos, assim, que a fraternidade comunitária, enraizada na centralidade de Cristo, constitui não apenas um ideal, mas o fundamento indispensável para transformar a oração em ação solidária. Somente a partir desse horizonte a Igreja pode contribuir efetivamente para que a moradia seja reconhecida e garantida como expressão concreta da justiça social, sinal de esperança e testemunho da presença viva de Deus na história.

## 1 A essência missionária da Igreja: de suas origens aos desafios atuais

A Igreja por natureza tem índole missionária (Mc 3,13 e AG 3). Deus irrompe na história e no mundo, sempre com uma proposta comunitária. O Reino de Deus, eminentemente transcendental, acontece onde estão as pessoas, pois é uma marca intersubjetiva. A Igreja não faz o Reino de Deus, ela o percebe, media e evidencia o seu acontecimento, colaborando com a sua práxis.

Bento XV na *Maximum Illud* (1919) faz uma breve, profunda e bonita anamnese sobre a missão: quando Jesus estava para regressar ao Pai, deixa a missão aos discípulos, com a morte dos apóstolos as missões precisavam continuar, mesmo com a fúria das perseguições dos três primeiros séculos, a Igreja nunca deixou de realizar essa missão, a voz



do Evangelho não cessou, quando posteriormente foi concedida a paz, a Igreja floresceu,

*Gregório, o Iluminador, trouxe a Armênia à fé cristã; Vitorino, a Estíria; Frumêncio, a Etiópia; Patrício converteu os irlandeses ao cristianismo; Agostinho converteu os ingleses; Colomba e Palladio, os escoceses; Clemente Willibrord (primeiro Bispo de Utrecht) evangelizou a Holanda; Bonifácio e Anscário, a Alemanha; Cirilo e Metódio, os eslavos. Alargando o horizonte, Guilherme de Rubruck levou o Evangelho à Mongólia, o Beato Gregório X enviou missionários para a China e os franciscanos estabeleceram lá um cristianismo jovem, que em seguida foi arrastado pela tempestade da perseguição (1919, não paginado).*

Seguindo este caminho, Bento XV assevera que com o descobrimento das Américas, Bartolomeu de Las Casas continuou o trabalho dos Apóstolos, o mesmo ocorreu com São Francisco Xavier na Índia e no Japão, morrendo às portas do Império chinês. Observamos que os povos, mesmo nas ilhas mais longínquas, receberam a fé, isto inclui a Austrália, e as ilhas da Oceania. Em suma, nesta direção de pensamento, a missão é anunciar o Reino de Deus, percebendo-o, evidenciando-o, mediando-o, pois sabemos que a criação é comunicação de Deus, sendo tudo criado pelo Pai com a marca do Filho pelo Amor do Espírito, transbordando a realidade neste e deste amor trinitário.

Na Bíblia Sagrada temos três passagens que estão interligadas: a primeira da Torre de Babel em Gênesis 11,1-9, a segunda em *Shavuot* a festa das colheitas em Êxodo 23,16-20, e a última de Pentecostes em Atos 2,1-4. Aprendemos que a segunda festa é uma festa rural, de entrega das primícias ao Senhor, onde os peregrinos marcham para Jerusalém, entrando na cidade e no Templo e fazendo a entrega dos dons. Da mesma forma que Deus oferece a Torá, o dom de ser Povo escolhido é devolvido ao Senhor. Na Torre de Babel, vendo a ganância do ser humano, são confundidos e dispersados e, após a vinda do Espírito Santo, todos são novamente congregados. Agora, por meio dos Apóstolos, congregam em si, um Povo Escolhido, Sacerdócio Régio, Nação Santa (1Pd 2,9).

No ambiente rural é comum perceber os tempos que Deus nos dá que, por vezes passam despercebidos. Porém, num ambiente urbano, Deus passa despercebido com o frenesi do dia a dia. Apesar de as igrejas serem luzeiros nestes ambientes, percebemos que, cada vez mais, a so-



cidade como um todo se afasta dos cultos de ação de graças ao Senhor, e só se lembra d'Ele quando acontece uma enchente ou outra fatalidade desta dimensão.

Na Primeira Revolução Industrial, com novos métodos de produção, passando da manufatura para a produção mecânica, novos processos de fabricação e o uso de ferramentas hidráulicas favoreceram a energia a vapor. A Torre de Babel volta a acontecer, mas não para construir algo que chegue até o Senhor, mas para elevar o “senhor-dinheiro” por meio de inovações tecnológicas. Na Segunda Revolução Industrial, a padronização, produção em massa e rápida da descoberta científica, apontam uma expansão da sociedade como antes nunca vista, em que a consolidação do processo tecnológico, aproveita avanços onde se abandona a entrega dos dons oferecidos ao Senhor e se desconsideram as escrituras sagradas e suas orientações.

No caminhar da Terceira Revolução Industrial onde se deixa de lado o que é próprio da humanidade com avanços informáticos, robóticos e biotecnológicos, os cristãos, abandonaremos o Pentecostes? Quando os Apóstolos receberam os dons anunciaram a todos, superando a Babel antiga, anunciaram o Querigma, o amor salvífico que não impõe nada, somente faz um apelo à liberdade: “Jesus Cristo ama-te, deu a sua vida para te salvar, e agora vive contigo todos os dias para te iluminar, fortalecer e libertar” (EG, 164). Ou seja, apostou na humanidade apesar de todas as contradições nela existente, por causa do Evangelho do Ressuscitado. Isto significa que nenhum avanço que implique em progresso pode ser relevante se prescindir da humanidade.

A nossa fé estruturada num conteúdo cristocêntrico, baseada numa vocação que se transmite de pessoa a pessoa nos leva a crer que viver um cristianismo em que a piedade popular pode cada vez mais se fazer presente na vida urbana cotidiana:

*A piedade popular contém e expressa um intenso sentido da transcendência, uma capacidade espontânea de se apoiar em Deus e uma verdadeira experiência de amor teologal. É também uma expressão de sabedoria sobrenatural, porque a sabedoria do amor não depende diretamente da ilustração da mente, mas da ação interna da graça (CELAM, 2007; DAp 263).*

A superação da Babel contemporânea será a determinação em recuperar a experiência originária do cristianismo, que é o amor gratuito



e desinteressado constituidor de comunhão entre as pessoas, ancorado na Trindade, eterna comunhão e apelo fontal para a vocação humana fundamental.

## 2 Ser fiel na missão evangelizadora: desafio de uma malha pastoral

O Papa Francisco na *Evangelii Gaudium* (2013) introduz vários conceitos gerados ao longo de toda a caminhada eclesial. Alicerçado em inúmeros teólogos, em especial na Teologia do Povo<sup>1</sup>, fala de integração e adaptação. Quanto mais se conhece acerca do *Depositum Fidei*, mais elementos novos vão sendo agregados a uma práxis eclesial, mais se implica em um avançar eclesial.

A humanidade vai sendo interpelada pelo ambiente, engolida pela cultura, porém o Evangelho se mantém simples, pois o que impulsiona a evangelização, a missão, é o próprio Espírito Santo, que faz a Igreja correr, sair de si, manifestar-se. Deus interpela o povo a sair de uma terra (Cf. Ex 13,17-22), para responder seus apelos. Cada nova etapa é um provocar, agir inovador, a cada nova efusão do Espírito, que vai se revelando através da quebra das correntes, mostrando que Sua obra da reconciliação não terminou.

No tempo em que vivemos, ser uma Igreja em meio à cidade nos faz perceber como é difícil descobrir a presença de Cristo, pois estamos na dor e no amor (Cf. Galli, 2021, p. 51 e 52). O desenvolvimento desenfreado, o consumismo pelo consumismo, torna os novos paradigmas cada vez mais aquém do Evangelho. A urbanização sendo um movimento perpétuo – centrípeto e centrífugo –, nunca estático, torna a cidade um lugar que não tem um movimento determinado em horários preestabelecidos. A cidade não dorme. No princípio ela foi criada para construção do bem-comum, para o bem das pessoas, mas hoje ela cresceu em meio ao caos, foi se adaptando a realidades e novas realidades que não favorecem a vivência de fé comunitária.

<sup>1</sup> A Teologia do Povo perpassa pelo conceito Povo de Deus, vai de encontro com a realidade Latino-Americana, colocando o Povo como *lócus* teológico, com seus medos e esperanças, com sua pobreza e suas riquezas e mais ainda com sua forma de vivência eclesial. Não é, portanto, uma teologia da libertação como apresentada por Gutierrez, que busca a ação libertadora de um povo, mas a busca da valorização cultural, piedade popular e religiosidade a partir do que diz Lucio Gera, Juan Carlos Scannone e José Comblin. (Cf. Winters, 2018).



O Documento de Aparecida, nos diz que Deus vive na cidade (Cf. CELAM, 2007; DAp 514), mas como encontrar Deus em meio ao egoísmo, à fome, à falta de moradia digna, à falta de saneamento, em meio à violência, ao tráfico? Se a pergunta de antes era “Onde está Deus?” (Slm 42,3-10), agora, objetivando, devemos perguntar “Onde está seu irmão?” (Gn 4,9)

“Ele veio morar entre nós” (Jo 1,14). Deus mora na cidade, Deus vive na cidade, Deus habita na cidade (Sl 46,4-5); é esta a cidade onde se conhece Deus, onde se faz experiência de Deus, por isso estamos diante de um desafio de fé, porque devemos perguntar ao Senhor constantemente: “Mestre, onde moras?” (Jo 1,38). Esse encontro com o divino, essa experiência com Deus, nos faz pensar e buscar uma teologia da cidade (Cf. CELAM, 2007; DAp, 14). Teologia esta que não pode ser resumida apenas em teoria, mas em *práxis* verdadeiramente eficaz, assim como a cidade permanece em movimento, a teologia se movimenta, os temas mudam, a igreja floresce, é natural que aconteça.

O homem e a mulher que habitam nas metrópoles possuem um *ethos*, o qual os faz participantes do mundo. A humanidade se expressa, constrói comunhão, não é apenas um hóspede onde vive, trabalha, gesta, negocia, percebe-se um ser político; compra, consome, tem desigualdades e, por vezes, nem percebe. Por isso, como cristãos, precisamos estar conscientes de que estamos num mundo cada vez mais plural, e esta realidade não é simplesmente demográfica; essa urbanização é uma realidade sociocultural.

Hodiernamente, a Pastoral Urbana é um dos *modus operandi* da Igreja no mundo contemporâneo. Como Evangelizadores temos a marca do Reino de Deus em nós, procurando atender à sede e à fome de Deus que o povo tem na realidade em que se vive. Seja nas favelas, hiperlotadas pelo deus-tráfico, seja nas palafitas, onde o deus-miséria se faz abundante, seja ainda nos comércios, onde o deus-dinheiro leva a consumir desenfreadamente. Lidar com estes deuses no lugar de Deus é um desafio inerente à vocação batismal. Ser cristão de fato exige muito esforço e força de vontade, uma aliada à outra. Se só tivermos esforço sem força, caímos no indiferentismo; se só tivermos força de vontade, cairemos num ativismo.

Devemos sair de um estado de conservação das Igrejas para formar comunidades de comunidades que “estão alicerçadas na Palavra de Deus, em plena comunhão com a igreja local” (CELAM, 2007; DAp, n.309);



só assim as paróquias podem frutificar na cidade, só assim podemos ir ao encontro das periferias, primeiramente as existenciais, e depois as periferias urbanas, para verdadeiramente formar comunidades eclesiais missionárias (CNBB, 2019; Doc. 109, n. 33-40) para combater o sofrimento, a pobreza, a violência e o medo do mundo desigual.

O *ethos* urbano se apoia na territorialidade, na midiaticização, no individualismo e na competição. Quem quer ser um evangelizador [missionário], deve-se obrigar a conhecer profundamente a cidade onde está, mas sem se corromper, para evangelizar em três níveis: pessoal, comunitário e socioambiental. Precisamos, como cristãos que somos, atender às complexas categorias sociais, vivendo novas experiências e transformando as nossas vidas em redes de comunidade, e isto não é fácil. Entender a Eucaristia como serviço, doação e comunhão é um dos primeiros passos; não basta o simples conhecimento pelo conhecimento, é preciso ter conversão, para se ter foco, e é preciso ter propósito.

### 3 Pequenas comunidades como alternativa ao modelo fixista

O excesso de informações que temos hoje exige de cada um de nós um processo mais seletivo, por uma sobrevivência na qual nem sempre podemos acompanhar o ritmo. Não basta uma opção preferencial pelos pobres, é preciso ter claro que, sem a articulação comunicacional, sem o diálogo sociopolítico, a teologia permanece estática, e não dinâmica, permanece a mesma performance de anos. Se a Igreja que está no Brasil permanecer desunida, perguntando qual é o rito melhor (ordinário ou extraordinário), qual teologia é a melhor, hipervalorizando o clero, ou hipervalorizando os leigos e esquecendo seu verdadeiro propósito, que é o acontecimento do Reino de Deus e a transformação da humanidade em filha de Deus, ficará cada vez mais dividida, cada vez mais mesquinha; ao invés de verdadeiramente ser uma Igreja, se tornará uma organização não governamental (ONG).

Se a Igreja que está no Brasil não lutar contra o clericalismo e não começar a ser verdadeiramente transparente, mostrando-se e não lutando para esconder seus erros, ela poderá cair na irrelevância histórica. Se a Igreja que está no Brasil, continuar a não demonstrar uma verdadeira mudança da práxis pastoral, nunca chegaremos ao âmago de uma polí-



tica corrupta para convertê-la, e sim nos tornaremos corruptos, pois os acordos políticos que alguns membros da Igreja fazem a fragilizam. Se a Igreja que está no Brasil não demonstrar estar do lado dos pobres, se distanciará do Senhor.

Se a Igreja que está no Brasil continuar não incentivando seus leigos a participarem dos processos políticos, ajudando a transformar a vida urbana, nada significará a realização de Campanhas da Fraternidade e menos ainda uma que fale sobre Fraternidade e Moradia. Sim, a Campanha da Fraternidade fala de política porque atinge diretamente a quem mais precisa, e se tem um lado que a Igreja precisa sempre estar, é dos sofrendores. É preciso afrontar a realidade, perdemos espaços, estamos perdendo o dom da profecia, nos tornamos um povo com o coração de pedra (Ez 36,26), que não ouve o Senhor.

É preciso cada vez mais escancarar as paróquias ao mundo digital, tornar comunidades eclesiais também no âmbito digital, sermos mais transparentes com as pessoas, mas sem perder as nossas características. Muitos criticam os influenciadores digitais, mas há também o que aprender com eles. No entanto, é preciso que todos sejamos fidedignos à mensagem do Reino.

Para que a Igreja possa se fazer presente, os presbíteros devem deixar de lado algumas “burocracias clericais”; evangelizar somente as elites para assegurar seu sustento é se vender. Acreditar que apenas a competição interna para assumir as paróquias com mais divisas econômicas e pelos mais altos cargos é colocar novamente no Senhor uma coroa de espinhos e escarnecê-lo. Esquecer da própria saúde mental, caindo em vícios – em que na cidade é muito mais fácil ocorrer – é se matar aos poucos. Não preparar homilias fundadas no Evangelho ou, pior ainda, basear-se apenas na sua opção política é um pecado grave contra o Espírito Santo, pois se coloca no lugar d’Ele.

O ser clero hoje é muito mais difícil do que nas sociedades tradicionais, mas não é mais uma opção agir com passividade perante as diferenças, acreditar que o problema do outro não interfere no seu ministério. Isto é ser conivente com a injustiça. Por isso, a solução é só uma no clero: lutar com todas as nossas forças para sermos unidos (apesar da pluralidade), ser mais cristão (apesar do paganismo espiritual) e colocar o Cristo no centro de toda a ação pastoral e evangelizadora.



## 4 Fraternidade e moradia

A dificuldade de fazer resplandecer a Igreja no mundo em que vivemos é a dificuldade em falar sobre o que é mais simples e, para tanto, precisamos partir de um ponto nevrálgico do último pontificado: o cuidado do meio ambiente tão querido para o Papa Francisco, no qual lembramos seu empenho em colocar o tema da ecologia integral de uma vez por todas no centro da discussão dos grandes líderes. Ao falar de moradia, Papa Francisco nos ensina por meio da *Laudato Si'*: Carta Encíclica Sobre o Cuidado da Casa Comum (2015; n. 152):

*A falta de habitação é grave em muitas partes do mundo, tanto nas áreas rurais como nas grandes cidades, nomeadamente porque os orçamentos estatais em geral cobrem apenas uma pequena parte da procura. E não só os pobres, mas uma grande parte da sociedade encontra sérias dificuldades para ter uma casa própria. A propriedade da casa tem muita importância para a dignidade das pessoas e o desenvolvimento das famílias. Trata-se duma questão central da ecologia humana. Se num lugar concreto já se desenvolveram aglomerados caóticos de casas precárias, trata-se primariamente de urbanizar estes bairros, não de erradicar e expulsar os habitantes. Mas, quando os pobres vivem em subúrbios poluídos ou aglomerados perigosos, no caso de ter de se proceder à sua deslocação, para não acrescentar mais sofrimento ao que já padecem, é necessário fornecer-lhes uma adequada e prévia informação, oferecer-lhes alternativas de alojamentos dignos e envolver diretamente os interessados.*

De modo destemido e profético, Papa Francisco fala que o orçamento estatal não consegue atender os necessitados e que a propriedade tem uma importância fundamental para a dignidade e desenvolvimento familiar. Assim, vivendo em habitações precárias, em áreas periféricas, ou fazendo parte da população sem teto, segundo o Pontífice, necessitam de que o poder público crie alternativas para oferecer-lhes uma vida digna.

O empobrecimento da população favorece a desestruturação familiar, a diminuição da dignidade da pessoa e favorece o crescimento do crime organizado, a concentração da renda em uma pequena parcela da população. Favorecer a falta de moradia é surrupiar do ser humano a chance de se preocupar com uma ecologia integral. “Se alguém não tem o necessário para viver com dignidade, é porque outro está a se apropriar do que lhe é devido” (FT, 119).



A eclesialidade não é eficiente quando não se tem teto; a sinodalidade não é ineficiente quando não se têm condições básicas de saúde para um pai ou mãe doente. A missionariedade não é o essencial quando se tem que andar 4h por dia em um transporte público, saindo da periferia ao centro, para ter um subemprego, e muito menos a comunidade se torna ponto de referência quando a pobreza faz doer até os ossos no frio à noite.

A Igreja precisa ser luzeiro de esperança. Do Ano Jubilar da Esperança o que ficará em nós a ressoar até o próximo jubileu ordinário? A infodemia que tira o foco dos assuntos importantes auxilia as guerras a crescerem e o debate exacerbado sobre temas inúteis nos faz distrair do principal: a saúde pública é cada vez mais deficiente, a segurança se torna instrumento de opressão, o Estado nunca consegue garantir empregos para a população e muito menos garantir sua aposentadoria, a educação não tem espaço privilegiado na vida dos jovens e adultos e, por fim, a falta de moradia digna nos faz querer viver menos (Cf. Comblin, 1996, p. 22-23).

Formar pequenas comunidades para tornarmos comunidades de comunidades, é o jeito mais oportuno para superarmos as diferenças aparentes e adentrarmos a um novo caminho de missão. Se, de um lado, como já vimos, muitos santos missionários saíram para influenciar povos e culturas, é preciso agora, olhar com carinho para estas culturas e se aprofundar cristocentricamente nelas. Se tirarmos o Cristo do centro do altar das nossas vidas, oferecemos sacrifícios que valem ser ofertados? Se tirarmos o Cristo da Igreja, Deus aceitará nossa oferta?

A fraternidade das comunidades é, portanto, resultado da centralidade do Cristo em nossa vida, seja por vias da piedade popular, seja por via da espiritualidade teologal, que vai de encontro com as diferenças, sejam estas diferenças visíveis ou não. A acessibilidade a uma moradia digna é o mínimo que uma comunidade que partilha o pão, que faz da sua vida uma liturgia permanente, que se enraíza no horizonte e não na superficialidade do hoje, pode fazer concretamente por quem tem os direitos constantemente violados, transformando o orar em um gesto concreto de solidariedade. O testemunho comunitário se faz por meio do fermento da fraternidade que, para crescer, é preciso deixar descansar o tempo certo, pois é preciso deixar que surjam os frutos de um pensar mais consciente.



## Conclusão

Concluimos buscando obter uma síntese abrangente da intersecção entre fraternidade, moradia e a missão evangelizadora da Igreja Católica no cenário contemporâneo. A partir de uma abordagem pastoral do versículo joanino, a pesquisa desvela a profunda implicação da imanência divina na práxis eclesial, traçando um percurso histórico-teológico que se estende desde as origens apostólicas até os complexos desafios da modernidade.

Ao longo do estudo, a natureza missionária da Igreja é reiterada, destacando-se sua capacidade de discernir, mediar e manifestar o Reino de Deus. A trajetória evangelizadora é revisitada, com menção a figuras históricas que foram cruciais para a expansão do cristianismo. A análise comparativa das narrativas bíblicas da Torre de Babel, Shavuot e Pentecostes serve como um poderoso arcabouço para ilustrar a dinâmica entre a dispersão humana e a congregação pelo Espírito Santo, oferecendo uma compreensão mais profunda das tensões e reconciliações ao longo da história da salvação.

Um dos pontos nevrálgicos do argumento reside na reflexão sobre a Igreja no ambiente urbano. O contraste entre a percepção da sacralidade no contexto rural e a secularização e indiferença das metrópoles é explorado em detalhe. As Revoluções Industriais são interpretadas não apenas como marcos de progresso tecnológico, mas como catalisadores de uma nova “Babel”, em que a primazia do capital e da inovação tecnológica muitas vezes obscurece a dimensão espiritual da existência, afastando o homem da entrega dos dons e da vivência autêntica da fé.

O documento encontra seu fundamento na Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* do Papa Francisco (2015), que inspira a formulação de uma “malha pastoral” adaptada aos paradigmas urbanos. A questão hermenêutica “Onde está seu irmão?” emerge como um imperativo teológico, direcionando a Igreja à busca de Deus em meio às profundas desigualdades sociais, à pobreza e à crise habitacional que afligem as cidades. Esta indagação não é meramente retórica, mas um chamado à ação e à solidariedade.

Por fim, defendemos vigorosamente a relevância das pequenas comunidades como um modelo eclesial alternativo e eficaz. Argumenta-se que essas comunidades são essenciais para superar o clericalismo, a fragmentação e a opacidade institucional que por vezes dificultam a



missão da Igreja. A Campanha da Fraternidade é apresentada como um exemplo paradigmático do compromisso da Igreja com os vulneráveis, servindo como um instrumento para denunciar as injustiças sociais, com um foco particular na questão da moradia. A conclusão central é que a fraternidade comunitária, profundamente enraizada na centralidade de Cristo, não é apenas um ideal, mas o fundamento indispensável para transformar a oração em uma ação solidária concreta, garantindo o acesso à moradia digna como uma expressão tangível e vital da justiça social em um mundo que clama por esperança e dignidade.

## Referências

BENTO XV. *Carta Apostólica Maximum illud*: sobre a atividade desenvolvida pelos missionários no mundo, 1919. Disponível em: [https://www.vatican.va/content/benedict-xv/pt/apost\\_letters/documents/hf\\_ben-xv\\_apl\\_19191130\\_maximum-illud.html](https://www.vatican.va/content/benedict-xv/pt/apost_letters/documents/hf_ben-xv_apl_19191130_maximum-illud.html). Acesso em: 20 set. 2025.

BÍBLIA. Português. A bíblia de Jerusalém. Nova ed. rev. e ampl. Coordenação Gilberto da Silva Gorgulho, Ivo Storniolo, Ana Flora Anderson; Tradução de Euclides Martins Balacian *et al.* São Paulo: Paulus, 2015.

CELAM. *Documento de Aparecida*: V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe. Brasília: CNBB; São Paulo: Paulinas: Paulus, 2007.

CELAM. *Documento de Aparecida*: texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe. São Paulo: Paulus: Paulinas, 2007.

CNBB. *Documentos da CNBB 109*: Diretrizes Gerais da ação Evangelizadora da Igreja no Brasil 2019-2023. Brasília: Editora CNBB, 2019.

COMBLIN, José. *Viver na Cidade*: pistas para unir a pastoral urbana. São Paulo: Paulus, 1996.

CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. Decreto *Ad Gentes*: sobre a atividade missionária na Igreja. Disponível em: [https://www.vatican.va/archive/hist\\_councils/ii\\_vatican\\_council/documents/vat-ii\\_decree\\_19651207\\_ad-gentes\\_po.html](https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decree_19651207_ad-gentes_po.html). Acesso em: 18 set. 2025.

FRANCISCO. *Laudato Si*: Carta Encíclica Sobre o Cuidado da Casa Comum. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2015.



FRANCISCO. *Evangelii Gaudium*: Exortação Apostólica Sobre o Anúncio do Evangelho no Mundo Atual. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2013.

FRANCISCO. *Fratelli Tutti*: Carta Encíclica sobre a Fraternidade e a Amizade Social. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2020.

GALLI, Carlos Maria. Deus na Cidade e a Cidade em Deus: Breve ensaio de uma Teologia Teológica da Cidade. In. WOLFF, Elias; PEREZ, Benjamin Bravo; PALAFOX, Antonio Ernesto (org.). *A Teologia e a Pastoral na Cidade*: Desafios e possibilidades atuais. São Paulo: Paulus, 2021.

WINTERS, Michel Sean. *Teologia do Povo*: os pontos fundamentais para entender Francisco. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/188-noticias-2018/576106-teologia-do-povo-ponto-fundamental-para-entender-francisco>. Acesso em: 20 set. 2025.

WOLFF, Elias; PEREZ, Benjamin Bravo; PALAFOX, Antonio Ernesto (org.). *A Teologia e a Pastoral na Cidade*: Desafios e possibilidades atuais. São Paulo: Paulus, 2021.